REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 812

20 DE JULHO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Pouco depois das duas da tarde do dia 14, fundeou no Tejo, conforme fôra annunciado, apenas com umas horas de atraso, a divisão naval portugueza conduzindo a seu bordo El-rei D. Carlos, a Rainha sr.ª D. Amelia, e os ministros e comitiva regia, que acompanharam na viagem á Madeira e Açores os monarchas portuguezes.

Foi um espectaculo deveras deslumbrante. Os couraçados, a que servia de aviso o hiate *D. Amelia,* caminhavam rio acima vagarosamente, rodeados de barcos, faluas, rebocadores, todos elles embandeirados.

O Tejo, n'um dia de verão luminoso, parecia um enorme lago, apenas enrugado pela brisa com arrepios brilhantes como prata liquida.

A viagem foi uma verdadeira apotheose, desde os primeiros vivas erguidos na ilha de Porto Santo, primeira paragem do programma, até á despedida nas docas de Ponta Delgada, em cujos caes se accumularam milhares de pessoas n'uma ovação enthusiastica.

N'ella teve parte o presidente do conselho de ministros, que, natural da Ilha de S. Miguel, havia mais de vinte annos não via a casa em que nascêra e onde, em tão elevada posição agora voltava.

Vieram até ao Tejo os dois couraçados inglezes, que desde os Açores acompanharam a divisão portugueza, juntando-se-lhes na bahia de Cascaes o couraçado brazileiro, *Floriano Peixoto.*

Mais brilhante ainda tornaram o cortejo naval, um dos mais bellos que temos visto no nosso rio.

Escusado é commentarmos a significação da estada no Tejo por esta occasião d'esses vasos de guerra pertencentes a duas poderosissimas nações, nossas amigas.

Ainda somos alguma coisa, mão grado as nossas desgraças, no equilibrio do mundo. O poder de Portugal não lhe vem apenas da sua historia, vem-lhe ainda das valiosissimas colonias que possue e que maior o poderão tornar ainda um dia.

E o que somos, tão differente do que deveriamos e poderemos ser um dia, o contraste do ser com o dever ser, exalta, de quando em quando, certas fantasias innocentes, que se desenvolvem em columnas de prosa pelos jornaes estrangeiros.

Ha-as de toda a natureza.

Um hespanhol entende que o unico remedio da Hespanha é entrar por ahi e conquistar Portugal. O artigo d'este nosso amigo tem um defeito: não é em verso. Emquanto ao mais o facundo general não vê na campanha difficuldades. Nem nós queremos outra coisa, diz elle.

Um belga dá-nos de presente as Canarias e as Baleares. Não devemos deixar de agradecer um tão valioso donativo. A Inglaterra é quem anda mettida n'isso; mas como a Hespanha, coitada, não ha de ficar sem uma compensação, dá-se-lhe Marrocos, dando ella Ceuta de presente aos inglezes.

A idéa das Canarias ainda com um certo esforço se comprehende; mas as Baleares no Mediterraneo, lá tão fóra de mão...

Ha fantasias que explicam tudo. Possuindo nós as Baleares, a Catalunha, que é banhada pelas mesmas aguas, depressa se uniria comnosco. As Vascongadas, que andam de nariz torcido, uniam-se á Catalunha, seguindo-se uma insurreição na Galliza... E Castella que se governasse... Não lhe dão Marrocos?... Que mais quer!

E' lindo fantasiar!...

Pois no outro dia, quando o cortejo naval seguia Tejo acima e os fortes de terra salvaram, havia licença para dar um nadinha de corda á imaginação, ainda que não fosse para voar atravez de Hespanha até ás ilhas do Mediterraneo.

Com essa entrada triumphal poz-se nos festejos um ponto.

Voltaram os ministros á vida, voltou El-rei a tomar o peso ao sceptro, facto talvez menos agradavel nos tempos que vão correndo, de luctas religiosas e inquietações incommodas dos credores externos.

A questão religiosa que parecia mais tranquilla tornou a levantar cabeça com a resistencia opposta pela superiora do convento do Rego ás intimações que lhe foram feitas. Com a chegada do sr. Hintze Ribeiro foi a questão resolvida desfavoravelmente para as recolhidas, intimadas para sahirem no praso de tres dias.

Invocaram-se leis, invocou-se a justiça. Mas

PALACIO FOZ — RELICARIO DO SECULO XVII

nada lhes valeu. O peor foi terem-se novamente exaltado os animos.

E' de esperar que seja este um caso isolado.

Com respeito a justiça cada dia vamos vendo como se vai tornando mais fallivel.

Ha dias, Alexandre Braga, convencido de que um homem ha muito está soffrendo innocentemente a pena d'uma reclusão cruel, fazia considerações muito sensatas sobre as vulgares paixões humanas, não já das que enviaram Dreyfus para a Ilha do Diabo, mas das que todos os dias se nos deparam nos homens mais bem intencionados, pequeninas vaidades, o *eu é que o vi logo*, o *eu bem dizia* que tantos e tão repetidos males tem causado e causará, emquanto o Ecclesiastes fôr um livro cheio de verdades. *Omnia vanitas.*

A opinião formada sem bases, unicamente por uma apparencia, a vangloria de logo diagnosticar doenças moraes, que horriveis injustiças teem commettido!

São o juiz, o delegado, cada testemunha por sua vez, querendo impôr sua opinião, mostrando a clareza de suas faculdades, a logica do seu raciocinio. É o desejo de dar nas vistas, de figurar com o nome no jornal mais lido, de chamar por meia hora a attenção, que faz desenvolver para fóra do limite da estricta verdade, um raciocinio, um depoimento.

Não ha ninguem que possa jurar que não será vaidoso; porque a vaidade quando é muita, mascara-se de modestia a quem a sente.

Depois a opinião publica mal encaminhada, torna-se ás vezes ré de crime muito mais monstruoso que o de que ella accusa o desgraçado primeiro indigitado. E quem se lembrar de defendel-o, recaem sobre elle os odios que só o crime deveria inspirar, mas não um accusado, que póde e é muitas vezes um innocente.

Li algures que no desastre do nosso melhor amigo, ha sempre alguma coisa que nos contenta. E é talvez verdade. Quantas vezes, depois d'uma enorme desgraça, ouvimos dizer: — «Eu bem lh'o tinha dito!» Antes que soffra o coração, a vaidade alegra se. «Eu bem lh'o tinha dito!» que é o mesmo que dizer: — Como as minhas faculdades vêem longe!»

Se o mundo é todo de vaidades, porque ha de acreditar-se na justiça humana? O que todos querem é essa má coisa chamada fama, tão desacreditada já pelo Velho do Restello, até quando se tratava d'um dos maiores factos na historia da humanidade.

E é esse o maior trabalho de cada homem na vida: accrescer a fama propria ou, se tanto não puder, menoscabar a dos outros.

Uma das razões, por que o theatro atrahe a muitos, é o das palmas colhidas ali, no proprio momento. E nenhum, actor estreiante ou auctor, duvida do exito, mal se recordando de quantos boléos viu em moços de forcado curiosos, que não desceram á praça por outro motivo.

Por um que se estreia e logo póde ter a certeza d'uma carreira gloriosa, seja qual fôr a arte escolhida, quantos, nada tendo que os possa animar mais do que a intima vaidade, encetam com a alegria no coração uma carreira onde só hão de encontrar escabrosidades e desillusões! É que nem todos teem esse fogo sagrado, que tão intensamente alumia a prodigiosa Ignezita, que, ha meia duzia de noites, se estreiou no theatro dos pequeninos. Essa sim, vae longe, se não vierem desanimal-a mais tarde, tormentas, invejas, difficuldades, que o acaso e a maldade erguem ante os passos dos que vão correndo.

E foi ella o grande assumpto de theatros, agora que o Colyseu está fechado e o Avenida ainda não abriu as suas portas.

Muito se fala ainda da peça de Oscar da Silva, elogiada sem reservas como estreia gloriosa, pelos primeiros musicos de Lisboa. A empreza do Colyseu dedicou-lhe uma recita e a essa homenagem concorreram todos os amigos do maestro, que n'essa mesma manhã, na Quinta dos Castanhaes, em Cintra, lhe offereceram um almoço, decorrendo na maior animação.

O dia estava lindo. A velha quinta, ainda não escangalhada pelas modas novas, é dos mais pittorescos sitios da encantadora serra.

Foi uma alegria para todos.

Fialho d'Almeida, promotor da homenagem, portou-se briosamente, não só como homem de espirito, mas como auctor d'um excellente prato de bacalhau e respectivos pimentos, tomates e cebolas, o que muito augmentou as glorias do muito glorioso auctor dos *Gatos*.

Fez-se menção de collocar uma lapide commemorativa e Fialho d'Almeida mostrou-se orador. Fez-se menção de inaugurar uma estatua e Fialho d'Almeida revelou-se decorador de primeira ordem.

E, até brincando, e sempre excellente companheiro, o mais alegre e o mais criança, Fialho d'Almeida é sempre um excellente coração e um dos maiores e incontestaveis talentos de que os portuguezes se devem orgulhar. Tem mais valor um dito seu que diz brincando, do que muitos volumes de muitas paginas de muito conspicuos escriptores.

O almoço a Oscar da Silva foi das festas mais alegres que se teem realisado. Faltou apenas Mr. Prud'homme com a sua rhetorica de papo e faltei eu, do que confesso ter para sempre a maior pena.

João da Camara.

Cartas da viagem de Suas Magestades aos Açores

Magnifica viagem sempre, se exceptuarmos o ultimo dia.

Escrevo-lhe de Lisboa, sentado á minha costumada mesa de trabalho. Parece-me que vou contar um sonho todo elle feito de deslumbramentos. Se não fosse a quasi obrigação da chronologia, ver-me-hia em pancas, sem saber por onde começar.

Sahimos do Funchal, cheios todos de saudades, julgando impossiveis comparações com o que mais tarde se nos havia de deparar nas ilhas dos Açores, que muitos não conheciamos. Serão egualmente bellas as ilhas do Fayal, da Terceira, de S. Miguel? Serão os açorianos tão ardentes em seus enthusiasmos como os madeirenses?

No dia 27, pelas quatro horas da tarde, avistavamos a pequena ilha de Santa Maria, onde suas magestades receberam os cumprimentos das auctoridades. As constantes girandolas de foguetes e as acclamações, que desde a praia nos chegavam até bordo, deram-nos logo idéa de que durante toda a viagem continuaria o mesmo delirio que na Madeira assaltára a população recebendo os monarchas portuguezes.

Os tres dias passados no Fayal demonstraram-nos a justiça das nossas previsões.

Que lindo passeio maritimo! O canal entre as ilhas do Pico e S. Jorge scintillava como de prata e era tranquillo como um lago. Avistámos o Fayal e pouco depois ancoravamos na bahia da Horta, uma linda e alegre cidade.

El rei, mal desembarcou, foi debaixo do pallio para a Sé, onde foi cantado o *Te-Deum* pelo bispo de Angra. No caminho para a Sé as acclamações foram enthusiasticas e assim sem esmorecerem, sempre que suas magestades se encontravam entre o povo.

N'esse dia *garden-party* e depois baile no club, assistindo a officialidade dos couraçados portuguezes, inglezes e hespanhol.

Foi linda a regata que no dia seguinte se realisou, formosissimo o passeio á Caldeira famigerada, d'onde se desfructa um panorama grandioso, inolvidavel.

No dia 30, passeio ás Capellinhas onde foi servido o almoço offerecido pela camara municipal. Regressaram suas magestades ao paço entre vivas acclamações, depois de haverem assistido a uma festa verdadeiramente popular, descantes e danças, pittorescamente originaes.

N'essa noite embarcámos, saudosos, devendo no dia seguinte de madrugada partir para a Terceira.

As cinco horas da manhã do dia 1, levantámos effectivamente ferro e abalámos, acompanhados pelos dois couraçados inglezes, que receberam ordem do seu governo para acompanhar a divisão naval portugueza até Lisboa.

Estava o mar um nadinha picado; mas a paisagem soberba que nos encantava gravou-se-nos para sempre na memoria. O canal de S. Jorge, o Pico gigante tão cheio de vegetação na base, tão severo no seu cume, a curva elegante da bahia da Horta, a Graciosa, onde o estado do mar não deixou que el-rei desembarcasse, como era seu desejo, que formosa natureza! E que sympathica e agradavel gente ali móra!

Mas a divisão naval caminha rapida. Entretanto, entre a paragem na Graciosa e a na Praia da Victoria, temos tempo para levantar umas remissas e logo levarmos tres codilhos a fio. Uma desgraça, como d'aquellas que v. me conhece.

Não nos tinha ainda passado de todo o mau humor, apesar da noite bem dormida, quando, ás cinco horas da tarde do dia 2, ancorámos em frente da famosa cidade, Angra do Heroismo.

Das deslumbrantissimas festas com que suas majestades foram recebidas na Terceira, muito especialmente mencionaremos a toirada de corda, que foi interessantissima, e a revista pecuaria no sitio do Paul, onde seguramente se juntaram perto ou mais de vinte e cinco mil pessoas.

Foi uma festa esplendida e devéras caracteristica.

Suas majestades, foram no seu regresso á capital, acclamados com verdadeiro delirio.

Deslumbrantissima a illuminação da ultima noite, que suas magestades viram do *D. Carlos*, onde houvera jantar de gala.

Era uma hora da madrugada quando partimos, chegando ao porto de Ponta Delgada no dia 5, depois de nove horas de excellente viagem.

Que lhe contarei d'esses sete dias, em que nos foi dado vêr o que a natureza tem produzido de mais bello e de mais grandioso, como as Sete-Cidades e o Valle das Furnas? Como poderei descrever o enthusiasmo sempre crescente com que El-Rei e a sr.ª D. Amelia foram recebidos pela população d'esta ilha? Pena tenho de não ter podido archivar as exclamações que ouvi e rubrical-as de fórma que se pudesse avaliar como sahiram do intimo dos corações commovidos.

A unica fórma por que nos seria possivel descrever o que n'este verdadeiro paraizo se passou, era ter trazido comnosco o animatographo e o phonographo taes como os ha de ter o seculo futuro.

Desde a chegada á doca, com o *D. Carlos* rodeado por uma flotilha toda enfeitada de verdura e bandeiras, até á sahida, quando talvez cincoenta mil pessoas acclamavam os soberanos, que serie de maravilhosos passeios, de festas esplendidas! Que alegria nos rostos! Que bizarria de recepção! Que povo sympathico e como, guardando as suas tradições tão bellas, tem sabido aproveitar tudo o que a melhor civilisação lhe tem trazido.

Ponta Delgada é na sua essencia uma cidade de primeira ordem, seguramente das mais importantes de Portugal. Vi-a completamente no que tem de melhor, de mais importante e de mais bello, no que muito devi á extrema amabilidade do nosso amigo R. da M., o melhor dos cicerones.

O palacio do sr. Conde de Jacome Correia é devéras magnifico, como deslumbrantes e de alto valor pelos exemplares que n'elles se admiram são os famigerados jardins d'esta cidade, pertencentes aos srs. Antonio Borges e José do Canto.

Mas o que não tem penna que o descreva é os magnifico panorama das Sete Cidades, uma da maiores maravilhas da creação, que de repente nos deslumbra, quando chegamos á crista da montanha. O que é grandiosamente bello é esse Valle das Furnas, onde El-Rei foi recebido na linda casa, rodeada de luxuriante parque, pertencente ao sr. marquez da Praia. O que foi devéras imponente foi a marcha triumphal dos Reis atravez da ilha, sempre acclamados delirantemente n'um percurso de perto de oitenta kilometros, ida pela Ribeira Grande e volta por Villa Franca e Lagôa. Até nas proprias egrejas o povo os acclamava.

D'estas ovações partilhou com toda a justiça o presidente do conselho de ministros, Hintze Ribeiro, um dos mais illustres filhos de S. Miguel, que teve n'estes dias, por certo, das maiores e mais justas alegrias da sua vida.

No dia 11 foi a partida, depois de El-Rei, no banquete que lhe offereceu a junta gerál do districto, ter agradecido em phrases sentidas e eloquentes ao povo de S. Miguel a recepção que lhe fizéra.

Não se descreve o que foi a despedida. Mal se podia andar nas ruas. As senhoras agitavam os lenços e algumas vimos chorar de commoção. O povo trepáva aos muros e aos telhados. As acclamações eram retumbantes. Um quadro indiscriptivel!

Partimos.

A viagem foi boa, até ao penultimo dia, que só teve para mim uma vantagem: paguei-me de todos os codilhos.

O que foi a nossa chegada a Lisboa sabe-o v.

O que talvez ignore é que no fim da mais bella viagem que póde imaginar-se, é ainda uma alegria chegar a casa, beijar os seus, descançar finalmente.

Lisboa, 17 de julho de 1901.

M. C.

AS NOSSAS GRAVURAS

PALACIO FOZ — RELICARIO DO SECULO XVII

Entre as preciosidades artisticas e historicas que se encontravam no palacio Foz e que foram vendidas em leilão, a maior parte para o estrangeiro

tinha um dos primeiros logares o precioso relicario que faz o assumpto da nossa gravura da primeira pagina.

Este relicario, obra italiana do seculo XVII é de ébano, formando um portico com columnas de agatha e capiteis de prata que sustentam o entablamento coroado por um frontão, em que destaca a figura do Padre Eterno, que se vê em quasi todos os relicarios. Esta decoração primorosa em que observa ainda ornamentos de prata e de crystal de rocha, forma moldura a um retabolo de madeira de 0,m24 de altura por 0,m18 de largura representando Jesus Christo sentado na pedra, escarnecido por tres judeus, pintura de João de Mabuse, notabilissimo pintor da escola flamenga, sendo esta sua obra uma das mais consideradas.

Este relicario foi mandado fazer pelo Papa Innocencio XI para dar de presente á rainha D. Catharina de Inglaterra, filha de D. João IV de Portugal.

Por morte da Rainha D. Catharina ficou esta preciosidade artistica ao conde de Castello Melhor, na casa do qual se conservou até o fallecimento do ultimo marquez.

Adquerido pelo sr. conde da Foz, foi ultimamente vendido no leilão, como se disse, por preço elevado.

CRUZADOR «RAINHA D. AMELIA»

A viagem que este cruzador realisou aos Açores, fazendo parte da divisão que acompanhou suas magestades, póde considerar se uma verdadeira viagem de experiencia para conhecer bem as qualidades e defeitos do navio, a fim de se fazerem as convenientes correcções.

Effectivamente reconheceram-se alguns pequenos inconvenientes, faceis de modificar, o que realisado, ficará sendo o cruzador *Rainha D. Amelia* um dos melhores navios de guerra da armada portugueza, competindo e até, em certos pormenores excedendo, aos melhores cruzadores d'outras potencias.

Em o n.º 731 do Occidente do volume de 1899 encontra se larga descripção e muitas gravuras reproduzindo os alçados e plantas d'este cruzador assim como do seu lançamento á agua em abril de 1899.

E' o *D. Amelia* todo de aço forrado de madeira e cobre, tendo o castello de proa, tombadilho, ponte e parte do convez, forrados de téca.

O comprimento total do navio é de 76,m5, tendo 75,m entre perpendiculares; 10,95 de bocca de fluctuação, carregado; 11,08 de bocca no grosso; 6,60 de pontal; 3,90 profundidade da carena.

No callado d'agua tem: a meio 4,12, a vante 3,77, á ré 4,47.

A superficie immersa da casa mestra mede 34m466, e o deslocamento total é de 1:656 toneladas.

Tem duas machinas verticaes de triplice expansão, as quaes imprimem movimento ao seu helice, collocadas cada uma em compartimentos independentes. A tiragem maxima d'estas duas machinas é de 5:000 cavallos de força.

Tem oito caldeiras formadas em grupos de duas, dispostas em dois compartimentos independentes, tendo cada grupo sua installação párticular.

A primeira experiencia que se fez com este cruzador foi em 23 de abril d'este anno, sahindo a barra de Lisboa até o Cabo da Roca e voltando ao Tejo. Com pouco mais de meia força, 150 rotações, chegou a deitar 14,8 milhas.

A bordo iam, além do commandante, capitão de fragata sr. Gomes Coelho, os srs. engenheiros Croneau e Vaz de Carvalho, machinistas Santiago e Guimarães, mestres desenhadores e guarnição.

A segunda experiencia foi 4 dias depois da primeira, e os resultados foram superiores a esta, tendo chegado a deitar a 190 rotações, 19 milhas.

A artilharia do cruzador *D. Amelia* é composta por 8 peças de tiro rapido, 2 metralhadoras Nordenfelt, tendo nas gaveas 3 peças de 37m/m, 2 no mastro, da proa e 1 no da ré.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1893-1894

Companhia lyrica—Artistas mais notaveis—As damas Darclée, Mendioroz, Arkel, e Guerrini — Os tenores Duc e Mariacher — Os barytonos Maurel e Kaschmann — Repertorio — Operas Novas: *Manon Lescaut* de Puccini; *Falstaff* de Verdi; *Freischütz*, de Weber. — Recitas extraordinarias de Maurel — Representações de beneficencia — Multiplicidade dos cantores e pouco tempo que se demoraram em Lisboa — Como o numero de recitas diminuiu, e o numero de primeiras figuras augmentou na scena lyrica de Lisboa n'este tempo — Como foram ás vezes os artistas que mais agradaram aquelles que menos vezes cantaram — Como as celebridades artisticas cantam quasi sempre as mesmas cousas — A decadencia da arte — Companhia de operetta de Marie Montbazon; recitas que deu no theatro de S. Carlos; preços; pouca concorrencia — Construcção de um novo theatro nos terrenos da Casa de Bragança ao Thesouro velho, com o nome de theatro D. Amelia — Descripção do theatro, como é copia dos theatros francezes; defeitos que tem — Inauguração do theatro D. Amelia.

Eis o elencho da companhia lyrica de 1893-1894:

Damas: Hariclée Darclée, Valentina Mendioroz, Teresa Arkel, Andrea Carrera, Ambury Lili (ligeira), Virginia Guerrini (meio soprano), Maria Torchi (contralto), Giuseppina Landi, Isabel Morini (comprimaria), Alice Cuccini (meio soprano), Angela Peco.

Tenores: Valentin Duc, Michele Mariacher, Achille Tomei, Vincenzo Maina, Vittorio Lizzini (comprimario), Gaetano Mazzanti (comprimario).

Barytonos: Vittorio Maurel, Giuseppe Kaschmann, Massimo Scaramela, Eugenio Laban.

Baixos: Alessandro Lanzoni, Antonio Sabelico, Vicenzo Greco (buffo), Giovanni Soldà (comprimario.

Maestros: Oreste Bimboni, Pietro Urrutia, Vincenzo Pintorno, Cesare Bonafous (dos coros).

Coreographo, Manoel Guerrero.

Bailarina, Eulalia Guerrero.

Scenographo — Luigi Manini — Directores de scena: Luigi Magnani, Adardo Ferrer de Clement.

O reportorio foi o seguinte:

Tannhauser, de Wagner, em 23 de dezembro de 1893, por Andrea Carrera, Isabel Morini, Angela Peco, Vincenzo Maina, Giuseppe Kaschmann, Antonio Sabelico, Vittorio Lizzini, Gaetano Mazzanti, Vincenzo Greco, Giovanni Soldá.

Lohengrin, de Wagner, em 24 de dezembro, por Valentina Mendioroz, Virginia Guerrini, Achille Tomei, Massimo Scaramela, Alessandro Lanzoni, Antonio Sabelico,

Gli Ugonotti, de Meyerbeer, em 26 de dezembro, por Hariclée Darclée, Lili Ambury (e depois Giuseppina Landi), Maria Torchi (e depois Guerrini), Isabel Morini, Michele Mariacher, Alessandro Lanzoni, Giuseppe Kaschmann, Scaramela, Lizzini, Mazzanti, Greco, Soldá, Ghidotti.

Fausto, de Gounod, em 30 de dezembro, por Darclée, Torchi, Morini, Tomei, Scaramela, Lanzoni, Soldá.

Otello, de Verdi, em 6 de janeiro de 1894, por Mendioroz, Morini, Mariacher, Mazzanti, Lizzini, Kaschmann, Sabelico, Soldá, Ghidotti.

Hamlet, de Ambroise Thomas, em 14 de janeiro, por Darclée, Alice Cuccini, Kaschmann, Sabelico, Mazzanti, Lizzini, Greco, Soldá, Ghidotti.

Aida, de Verdi, em 20 de janeiro, por Carrera, Cuccini, Mariacher, Scaramela, Lanzoni, Sabelico, Mazzanti.

La Favorita, de Donizetti, em 21 de janeiro, por Guerrini, Morini, Tomei, Scaramela, Sabelico, Mazzanti.

Manon Lescaut de Giacomo Puccini, em 2 de fevereiro, por Mendioroz, Guerrini, Maina, Scaramela, Mazzanti, Soldá, Ghidotti.

Rigoletto, de Verdi, em 4 de fevereiro, por Landi, Cuccini, Morini, Tomei, Scaramela, Sabelico, Greco, Soldá, Manfredi, Ghidotti.

L'ebrea, de Halévy, em 10 de fevereiro, por Carrera, Landi, Valentino Duc, Tomei, Lanzoni, Greco, Soldá, Ghidotti.

Falstaff, de Verdi, em 27 de fevereiro, por Mendioroz, Carrera (e depois Teresa Arkel), Guerrini, Cuccini, Tomei, Maurel, Scaramela, Sabelico, Mazzanti, Manfredi.

Guglielmo Tell, de Rossini, em 28 de fevereiro, por Landi, Peco, Torchi, Duc, Eugenio Laban, Lanzoni, Manfredi, Mazzanti, Soldá, Greco.

Orfeo, de Gluck, em 17 de março, por Guerrini, Landi, Morini.

Freischütz, de Weber, em 29 de março, por Mendioroz, Guerrini, Tomei, Lanzoni, Sabelico, Mazzanti.

Houve cinco recitas extraordinarias, em que cantou o barytono Victor Maurel; sendo os preços avulsos os seguintes:

Frizas	16$000
1.ª ordem	20$000
2.ª »	10$000
3.ª »	8$000
Torrinhas	5$000
Platea	1$800
Galeria	1$000
Varandas	$400

Nas recitas em que cantou Maurel deram-se os seguintes espectaculos:

1.ª, em 20 de fevereiro de 1894, *Fausto*, de Gounod, por Mendioroz, Guerrini, Morini, Maina, Laban, Maurel, Soldá.

2.ª, em 27 de fevereiro, *Falstaff*, de Verdi, por Mendioroz, Carrera, Guerrini, Cuccini, Tomei, Maurel, Scaramela, Sabelico, Mazzanti, Manfredi.

3.ª, festa artistica do tenor Duc, em 10 de março, *Otello*, de Verdi, por Mendioroz, Guerrini, Duc, Maurel, Mazzanti, Lizzini, Sabelico, Soldá, Ghidotti.

4.ª, em 15 de março, *Falstaff*, de Verdi, por Teresa Arkel, Mendioroz, Guerrini, Cuccini, Tomei, Maurel, Scaramela, Sabelico, Mazzanti, Manfredi.

5.ª, festa artistica e despedida de Maurel, *Falstaff*, de Verdi, em 16 de março.

Em 6 de fevereiro de 1894, terça de entrudo, houve recita extraordinaria, dando-se a opera *Rigoletto*, de Verdi, e o baile espanhol, «*Las gitanas de Sevilla*» de Guerrero, por Eulalia Guerrero e corpo de baile; depois houve baile de mascaras — A sala foi decorada por Manini e Raphael Bordalo Pinheiro, com fontes, repuchos, e effeitos de luz electrica sobre o palco.

Em 4, 5 e 6 de março parte da companhia lyrica foi ao Porto, dar, no theatro de S. João, representações das operas *Ebrea* e *Lohengrin*, por occasião das festas do quinto centenario do nascimento do infante D. Henrique.

Em 2 de abril, em beneficio do camaroteiro e bilheteiro, deu-se o 1.º acto da opera *Orfeo* de Gluck, 2.º e 3.º de Lohengrin, de Wagner. Guerrini cantou, acompanhada ao piano pelo maestro Pintorno, as romanzas da opera *Gioconda*, e *Statua di Carne*.

Em 4 de abril, em beneficio do Instituto ultramarino e soccorros a naufragos, deu-se a opera *Freischütz*, de Weber; cantaram: Mendioroz as romanzas *Ninon* e *Petite Sérénade*, de Tosti; Guerrini a romanza *Io t'ameró*, de Bimboni, e outra romanza: Tomei a aria da opera *Pagliacci*, de Leoncavallo; Sabelico, a aria da opera *D. Carlos*, de Verdi, Lanzoni, a aria da opera *Salvator Rosa*, de Carlos Gomes.

A companhia de operette de Marie Montbazon, depois de ter dado seis recitas no theatro da Tridade, veiu dar quatro recitas no theatro de S. Carlos, pelos seguintes preços:

	Por assignatura	Avulso
Frizas	8$000	10$000
1.ª ordem	10$000	12$000
2.ª »	5$000	6$000
3.ª »	4$000	4$500
Torrinhas	2$500	3$000
Platea	1$000	1$500
Galerias	—	$500
Varandas	—	$200

Os espectaculos foram os seguintes:

Le petit duc, de Lecoq, em 18 de abril de 1894, por Marie Montbazon, Heléne Lesoeur, Leo Demoulin, Henri Deschamps, Freiche, etc.

Les cloches de Corneville, de Planquette, em 19 de abril, por Montbazon, Lesœur, Deschamps, Freiche, Picot, Ancelin, etc.

La timbale d'argent, de Léon Vasseur, em 20 de abril, por Montbazon, Lesoeur, Demoulin, Ancelin, Villars, etc.

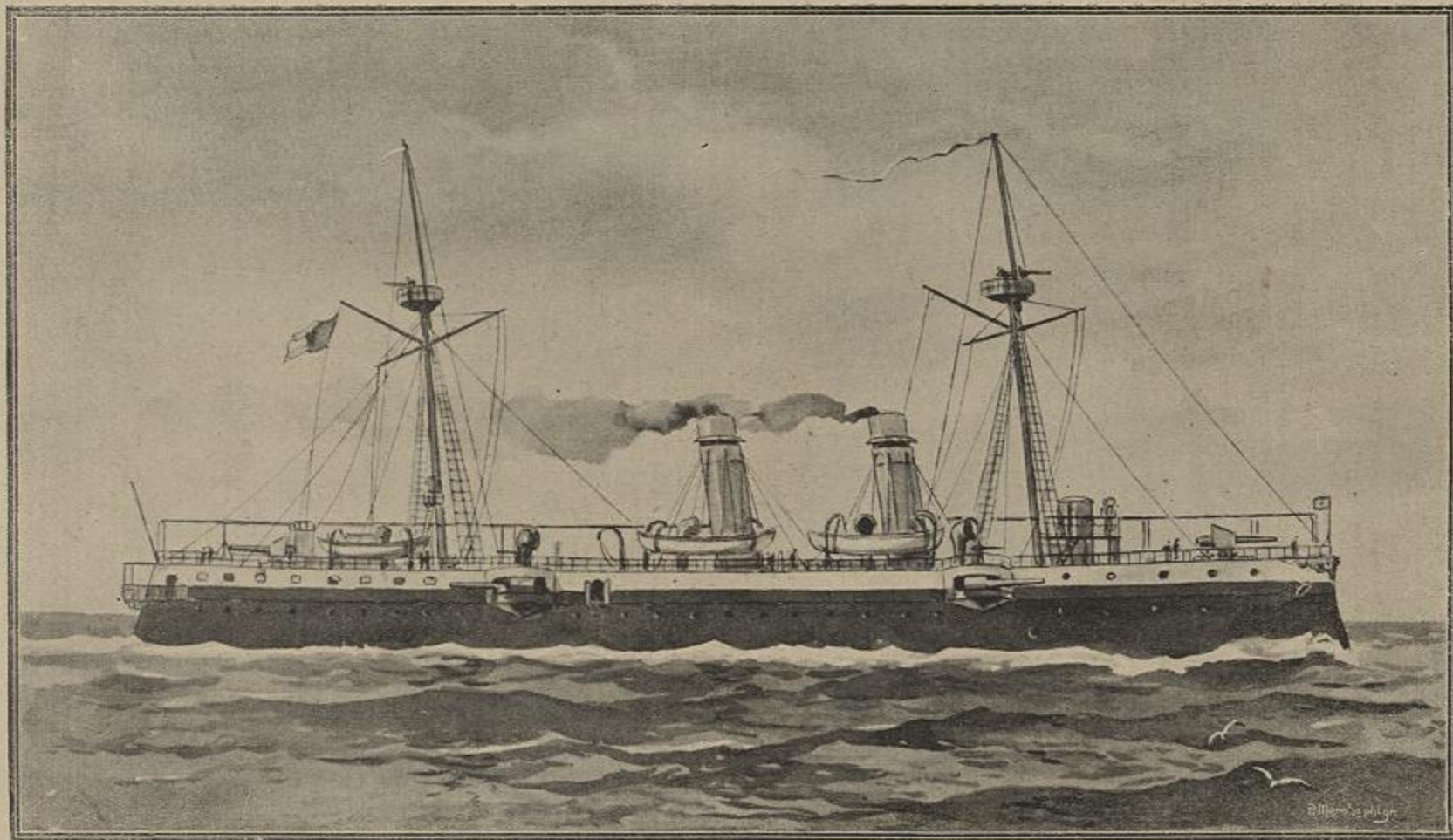
Gillette de Narbonne, de Audran, em 21 de abril, despedida, e recita offerecida á rainha D. Amelia, para algum estabelecimento de caridade, por Montbazon, Demoulin, Deschamps, Freiche, Picot. — Cantou Montbazon algumas cançonetas.

Em 23 de abril, festival em beneficio da caixa de soccorros a estudantes pobres houve o seguinte espectaculo no theatro de S. Carlos, ornamentado com muitas flores e arbustos:

O Dr. Faustino, operetta em um acto, em portuguez, de Alfredo Pereira Pinto, musica de Illydio Amado, por José de Abreu, Thomaz Ribeiro (de mulher) João da Gonta, Henrique Sant'Anna, Illydio Amado (de mulher).

Symphonia pela orchestra; monologo de Julio Dantas por Antonio Chaby Pereira; quarteto de mandolins por Amelia de Oliveira, Alexandre de Oliveira, Eduardo d'Oliveira, Joaquim Machado; scenas comicas pelo actor Valle.

No Parnaso, força lyrica em verso portuguez, em tres quadros, de Abel Botelho, musica de Dias Costa e Filippe da Silva, por Cynira Polonio, Candida Ferreira, Antonia de Sousa, (actrizes), e os estudantes Ardisson Ferreira, João da Gonta, José d'Abreu, Ricardo Amado, Arthur Rocha, Henrique Sant'Anna, José Amado, Frederico Taveira, Illydio Amado, Thomaz Ribeiro, Alfredo Pereira Pinto, Manoel Penteado, Luiz Salvador e coros do theatro da Avenida.

Em 20 de maio, á 1 1/2 hora da tarde, no salão

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O cruzador Rainha D. Amelia

O Real Theatro de S. Carlos

de entrada de S. Carlos, em beneficio de Julio Caggiani violinista solo do theatro, houve um concerto, no qual um pequeno grupo orchestral tocou as symphonias de *Mignon*, de Ambroise Thomas, *Tutti in maschera*, de Pedrotti, *Petite gavotte*, de Almeida, com solo de oboé por José de Almeida, *Loin du bal*, de Gillet, *Les fleurs* de Waldteufel; O beneficiado tocou no violino: *Fantazia militar*, de Leonard, *Menestrel* de Wieniawski, e um duetto com o pianista Alfredo Napoleão, o qual tocou tambem *Fantazia d'Aida* de Arthur Napoleão; Thomaz Del-Negro tocou um solo na trompa; e Moraes Palmeiro tocou no violoncello *Serenada* de Gottermann, e *Andante* de Tschaikowski.

Em 27 de maio, em beneficio dos pescadores de Peniche, representou-se o *Sr. Pelides em Coimbra*, de Armando Navarro, com versos de Antonio Caldas e Manuel Quintella, musica de Antonio Vianna e Fructuoso da Silva. Recitaram Chaby Pinheiro *um romance*, de Julio Dantas, e Luiz Gama *tudo attenuado*, de Accacio Antunes.

Em 11 de junho houve, no salão de S. Carlos, um concerto em que figuraram os alumnos do Instituto Musical.

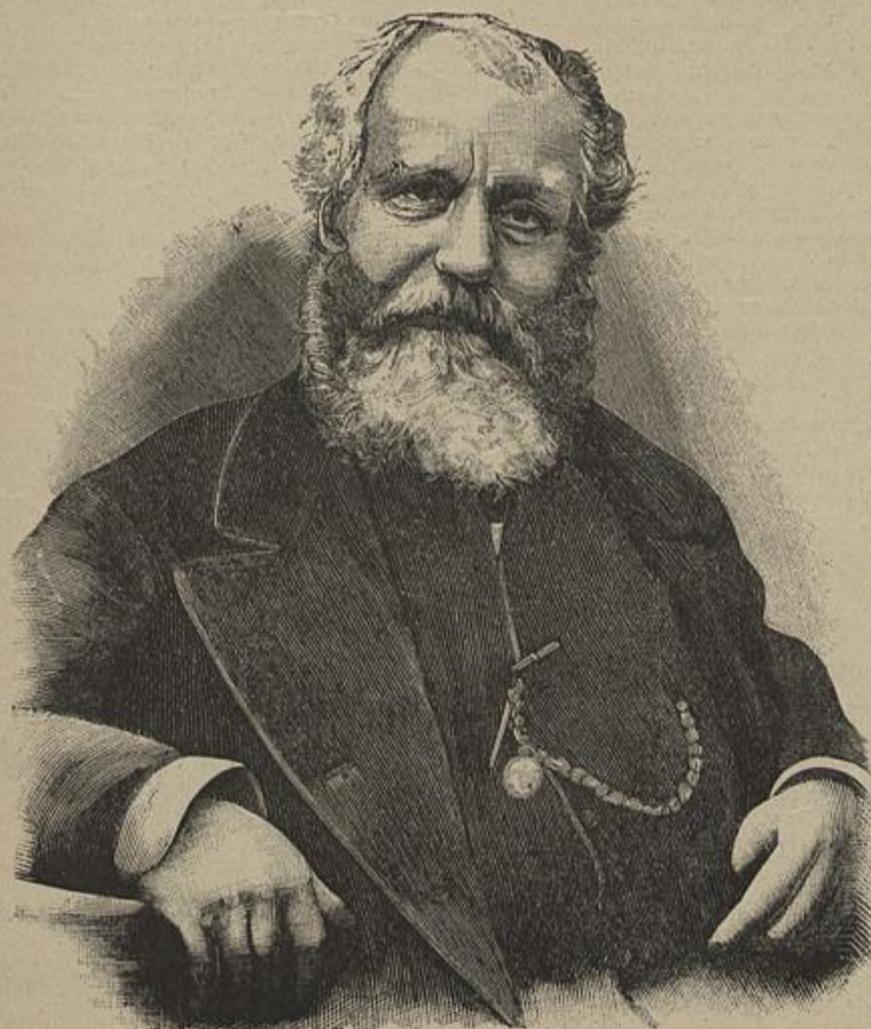
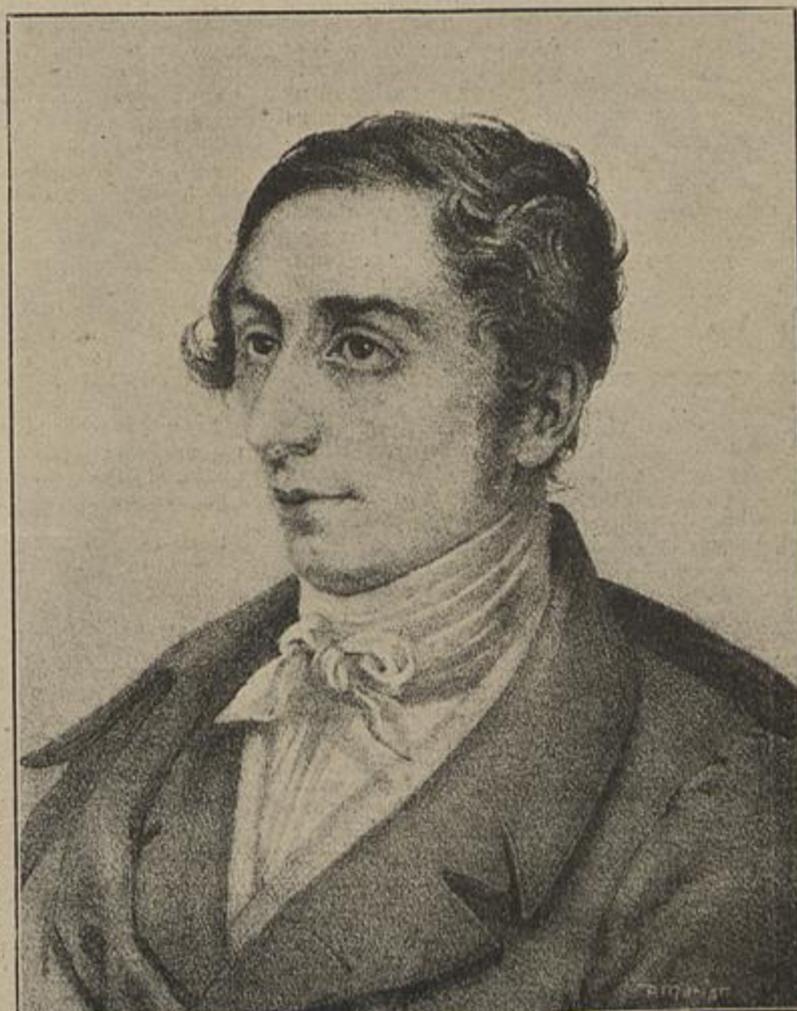
No domingo 7 de outubro de 1894, houve no salão de S. Carlos, uma *matinée*, armando-se um pequeno palco, onde se representou o *Ditoso fado*. Foi este espectaculo organisado por Dias Monteiro e Carlos Pacini; representaram os amadores: Julia d'Assumpção, Monteiro, Pacini, Barros, Afra, Lusa, Gonçalves, Joaquim Alberto, e o actor imitador José Vaz.

Tres operas novas subiram á scena n'esta epocha: *Manon Lescaut*, de Puccini; *Freischütz*, de Weber, bella composição, já antiga, pois que o seu auctor, Karl Maria Frederich Weber, tinha fallecido em Londres, em 5 de junho de 1826, tendo pouco mais de 39 annos de edade, havendo nascido em Eutin-Holstein em 18 de dezembro de 1786, e que até então ainda nenhum emprezario tinha tido o bom gosto de a levar á scena em S. Carlos; e *Falstaff*, de Verdi, a ultima opera do grande maestro, cujo genio soube amoldar o seu immenso talento ás diversas evoluções, que a sciencia musical experimentou no seculo XIX, creando operas lyricas, constituindo *diversas maneiras*, desde as mais inspiradas das suas primeiras composições, até ás mais bem trabalhadas das suas ultimas obras, conservando sempre a sua individualidade e immortalisando o seu nome!

Os libretos das operas *Falstaff* e *Otello* de Verdi, foram escriptos pelo notavel maestro Arrigo Boito, auctor da opera *Mefistofele*.

A companhia lyrica da epocha de 1893-1894 possuia artistas de muito merecimento.

Além da notavel dama Teresa Arkel, que esteve no theatro de S. Carlos, no anno anterior, da qual já fallámos, figuraram na scena lyrica de Lisboa, n'esta epocha, como estrellas de especial brilho, a dama Hariclée Darclée, elegante artista, de bella voz e bonito methodo de canto; a dama Valentina Mendioroz, com excellente voz de soprano, forte e bem timbrada, bello methodo de canto, que muito sobresahia no *Lohengrin*; Virginia Guerrini, formosa mulher, de alta estatura, com magnifica voz de meio soprano, forte e pastosa, can-

MAESTRO ARRIGO BOITO

MAESTRO CHARLES GOUNOD

MAESTRO KARL MARIA WEBER

to dramatico e energico, possuindo ao mesmo tempo o talento comico, que muito se avantajou nas operas *Lohengrin* e *Falstaff;* o tenor Mariacher, ainda joven, com grande voz barytonal, extensa e bello timbre, que, se algum contratempo o não estorvasse, promettia ser em breve um grande artista, que brilhou nos *Huguenotes* e na *Aida* o tenor Duc, de voz muito potente, posto que pouco malleavel, bom actor, que brilhou em alguns trechos de energia na *Ebrea*, o já conhecido e notavel barytono Kaschmann, e o famoso barytono francez Victor Maunel, para quem Verdi expressamente escreveu as partes de Iago e Falstaff. Quando Maurel veiu a Lisboa, já não estava a sua voz com os recursos de outr'ora; fatigado em demasia, muitas vezes tornava-se-lhe difficil a execução de certas phrases musicaes. Mas o que ainda resplandecia vigorosamente no celebre barytono era o seu primoroso canto, e sobre tudo o seu enorme talento de actor. A interpretação dos personagens que representava era da mais elevada correcção, e detalhada superiormente. O canto, o gesto e a caracterisação eram sempre harmonicos e de rigorosa exactidão. Foi no Falstaff que mais brilhou na scena do theatro de S. Carlos de Lisboa.

Uma cousa que se nota, e caracterisa este periodo da gerencia de Freitas Brito, é as estações que se seguiram, na exploração do theatro de S. Carlos, é a multiplicidade de cantores, e o pouco tempo que elles se demoraram em Lisboa.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

Os reinos orientaes de Sunda

(CARTA Á REDACÇÃO)

(Concluido do numero antecedente)

Mas, ou porque a cessão não chegasse a ser reduzida a *Firman* (Tratado) por causa da exigencia de enormes direitos de mercê, segundo refere F. N. Xavier, ou porque Moghol não tivesse de facto dominio sobre esse territorio, e quizesse fazer presentes á custa alheia, porquanto já a esse tempo florescia na India a famosa *liga* ou *confederação nacional dos marathas* que Sivagy fundára para sacudir o jugo Moghol; e de que dei noticia no artigo que V. teve a amabilidade de publicar no *Occidente*, n.º 808, de 10 do mez findo, o certo é que foi aos marathas que, em 1763, os portuguezes conquistaram essas terras.

Mas, pouco depois, Sundém, a capital do reino hindú no Kanara, fôra, em 1764, tomada e destruida por Haidar Aly, rei de Maissôre, antecessor e pae do famoso Tipú Sultão com quem Napoleão combinára o projecto da invasão franceza na India sob a sua direcção pessoal, concordando em plantar na India o regimen da liberdade, segundo as promessas do Directorio, para o que o mesmo sultão se inscrevêra até como *Cidadão Tipú* n'um club republicano. E' bem sabido que Bonaparte andava então pelo Egypto, e annunciára a Tipú Sultão a sua visita á India. E é a notavel batalha de Plassey, em 1799, em que lord Clive venceu o valente Rajah de Maissôre, consolidando o imperio inglez, que fez gorar o projecto combinado entre a França e o sultão indiano, poupando tambem Portugal a graves desastres, no numero dos quaes a tomada de Gôa era um ponto resolvido (*A Conjuração de 1787, Memoria historica* por J. H. da Cunha Rivara.

A' vista da conquista de Sundém por Haidar Aly, o então rei do Sunda, Imody Sadasshiva, que já andava em boas relações com Portugal, estabelecidas em successivos tratados, como os de 1697, 1735, 1742 e 1762, e lhe fizéra varias concessões, acolheu-se ao nosso Estado da India com o seu filho adoptivo e com toda a sua côrte, sollicitando um asylo seguro. O qual asylo lhe foi dado na aldeia de Moulá (concelho das Ilhas de Gôa), bem assim, desde 1771, a pensão annual de 12:000 xerafins, a qual, ao seu filho, Savai Bassava Linga, foi elevada a 23:000 xerafins, até que, não tendo elle conseguido recuperar o seu reino, assignou o Tratado de 17 de janeiro de 1791 (cit. *Boletim*, n.ºs 45 e 46 de 1875) pelo qual cedeu Pondá e as suas dependencias atraz mencionadas, ao governo portuguez, obrigando-se este a auxilial-o em rehaver o throno dos seus maiores, nos termos do que já estava convencionado no Artigo secreto de 17 de setembro de 1762 (cit. *Boletim*, n.º 84, de 1874), e a soccorrel-o no caso de ataque de qualquer potencia inimiga. Ficou tambem estipulado que o principe continuaria a possuir os tres predios rusticos que tinha em Canácana, e que os usufruiria ainda depois que fosse restabelecido no seu reino.

Pelo Artigo secreto annexo a este Tratado de 1791 ficára tambem estabelecido que o rei de Sunda não sahiria de Gôa sem *beneplacito* ou licença do governo (em virtude da qual é que elle reside uma parte do anno na India ingleza, no seu principado de Corga, em Panganur), bem assim que o governador Francisco da Cunha e Menezes intercederia para com a rainha de Portugal, a Senhora D. Maria I, para restituir ao dito Sunda as terras de Pondá e Zambaulim, logo que este estivesse capaz de as defender, visto assegurar-se que era essa a intenção d'El-Rei D. José, como se mostrou pela carta que este monarcha lhe dirigiu a 1 de abril de 1768, e que se acha publicada no *Boletim Official da India*, n.º 71, de 1875.

Vê-se, portanto, que este reino hindú de Sunda ou Sundém é inteiramente differente do reino malaio de Sunda ou Sonda.

A razão de um e outro andarem ás vezes confundidos pelos que desconhecem a situação geographica de cada um d'elles, está certamente na identidade dos nomes, e em que ambas as casas eram de procedencia hindú e sujeitas á soberania da de Bisnagar.

Ha mais. O imperio portuguez da India abrangia todo o oriente. No *Livro dos Pesos, Medidas e Moedas da India,* ordenado em 1554 por Antonio Nunes (contador da casa real servindo de provedor dos seus contos e fazendas da India) apparecem não sómente designados os pesos, medidas e moedas da India propriamente dita, como Bengala, etc., mas tambem os de Moçambique, Zanzibar, Ormuz, Pegú, Malaca, Banda, China e outras terras, entre ellas Çumda (Sunda), onde a moeda corrente eram os cruzados de Malaca (*Subsidios para a historia da India Portugueza* publicados pela Academia Real das Sciencias de Lisboa). Todas essas terras apparecem tambem mencionadas nas nossas antigas chronicas e em outros documentos officiaes como fazendo parte do imperio portuguez da India.

E este Çumda ou Sunda era, pois, o reino do archipelago malaio. Em 1554 não existia, como já vimos, o reino hindú do mesmo nome. O malaio era situado nos mares da Oceania; o hindú, no continente sul-africano. O malaio era tributario de Portugal; o hindú, simplesmente alliado. E a confusão levou alguns a considerar ambos um e mesmo, dando-lhe ainda a duração de oito seculos, com a somma do numero de seculos que durára cada um d'elles. O malaio durára quasi cinco seculos; e o hindú, menos de tres.

O chefe do reino hindú de Sundim é considerado, como se disse, *hospede* do Estado, e se trata como parente e primo d'El-Rei de Portugal. Segundo a formula de tratamento aos differentes principes asiaticos, existente nos archivos do nosso governo de Gôa, dá-se-lhe officialmente o tratamento de «Alteza» (*Boletim Official da India*, n.º 98, de 1875). Nos mesmos archivos constam outrosim o ceremonial e as solemnidades que é uso cumprir na occasião da recepção e visita d'este Rajah, e dos seus filhos e embaixadores (cit. *Boletim*, n.ºs 75 e 76, de 1876, e n.º 4, de 1874).

O actual Rajah de Sundém, que, como vimos, possue bens de raiz em Canácana, soffrêra em relação a estes uma injustificavel violencia official na occasião dos ultimos acontecimentos de Gôa, de 1895. Mas foi-lhe logo dada uma reparação por ordem de Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso, quando assumiu o governo da provincia como vice-rei da India.

Se v. entender que esta noticia historica merece a pena de ser publicada no OCCIDENTE, queira fazel-o quando lhe parecer.

Com toda a consideração,

Pedrouços, 2 de julho de 1901. De v. etc.

Christovam Pinto.

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

CAPITULO I

Barometria

A parte da meteorologia que tem por fim estudar as variações da pressão atmospherica, é a *barometria.*

A unidade de pressão *atmospherica*, é o peso de um cylindro de ar, da altura da atmosphera, e de base egual a um centimetro quadrado.

A pressão atmospherica exerce-se egualmente em todos os sentidos.

Eis algumas experiencias que o demonstram:

I Pressão de cima para baixo. Se tivermos um cylindro de vidro fechado superiormente por uma membrana bem tensa, o collocarmos sobre a platina da machina pneumatica, e n'esta fizermos o vacuo, vêr-se-ha a membrana deprimir-se a ponto tal que termina por estalar com grande estampido.

II Pressão de baixo para cima. Se n'um copo de agua completamente cheio, fizermos deslisar á sua superficie uma folha de papel de modo que fique bem adherente á agua e o virarmos, a agua não cahe. Para isso, é necessario que nenhuma gota d'ar exista, na superficie da agua.

III Pressão lateral. N'um frasco de vidro, com varias aberturas lateraes, introduzimos agua. Se vedarmos essas aberturas e rolharmos o frasco, destapando em seguida uma das aberturas, o liquido não sahe, em virtude da pressão lateral que impede o esgoto. Destapando, porém, a bocca do frasco, o liquido sahe. Por essa razão, se facilita o esgosto da agua dos barris, por meio de um suspiro, por onde entra ar.

IV Pressão em todos os sentidos. Os hemispherios de Magdeburgo permittem a sua demonstração.

FIG. 2

São dois hemispherios de latão que se ajustam perfeitamente um ao outro.

Um d'elles contém uma torneira, a qual se adapta, por meio de uma rosca, á machina pneumatica, e o segundo termina por um annel.

Emquanto estes conteem ar, facilmente os podemos separar, mas feito o vacuo no seu interior, torna-se impossivel á força humana a sua separação, isto com relação aos hemispherios vulgares dos gabinetes de physica. Otte de Guericke, tentando fazel-o com hemispherios maiores, fez puxar cada um d'elles por duas parelhas de cavallos sem o conseguir.

Como se mede a pressão?

Foi Torricelli o primeiro que, em 1642, procedeu á experiencia.

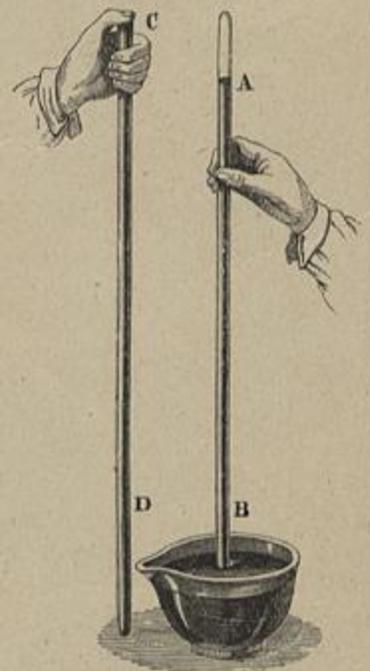



FIG 3

Tomou um tubo de vidro, de um metro de comprimento, fechado em uma das extremidades, encheu-o de mercurio, e depois de ter vedado o extremo opposto com o dedo, inverteu-o sobre uma tina, contendo egualmente mercurio. Observou então que o liquido baixou até 0,m76, ponto em que estacionou. A este tubo, denominou *barometro*, palavra derivada do grego, significando medida do peso.

Sendo *p* a pressão atmospherica, *d*, a densidade do mercurio, aquella será egual ao peso de uma columna de mercurio egual a 0,m76, multiplicado pela sua densidade.

$$P = 0,76 \times 13,6 = 1,0336$$

Sendo 13,6 a densidade do mercurio, ou seja 1,k0336 por cada centimetro quadrado.

Os effeitos da pressão atmospherica applicam-se a muitos objectos conhecidos.

Citaremos, entre estes, os tinteiros de syphão. Nos mais triviaes, existe uma especie de funil ajustado ao bocal do tinteiro, com um pequeno orificio na parte inferior, sendo necessario levantar um pouco esse funil, quando consumida a tinta n'elle existente, para que se restitua ao ar interior a sua pressão primitiva e a tinta suba por meio do orificio para o funil.

Barometros. São, como dissemos, apparelhos destinados a medir a pressão atmospherica. Ha dois grupos de barometros: os de *mercurio* na qual a pressão é medida por meio do peso de uma columna d'este liquido, e os *metallicos*.

Ao primeiro grupo, pertencem os de *tina* e os de *syphão*.

Os primeiros compõem essencialmente de um tubo com mercurio mergulhado em uma tina. A parte superior da columna de mercurio tem a fórma convexa, por um motivo de capacidade. Junto á tina, uma pequena mola com o auxilio de um parafuso, desce até ao contacto com a superficie livre do mercurio. A altura da columna barometrica póde, d'esta fórma, ser medida com pressão no alto do menisco. A prancha de madeira a que se acha ligado o tubo, tem uma escala graduada em centimetros e millimetros, e ao lado d'esta, um nonio. O zero da escala corresponde ao nivel do mercurio na tina, a qual é variavel consoante a pressão.

Chama-se *camara barometrica* o espaço vasio acima do mercurio, no tubo.

Nos barometros de syphão, o tubo é recurvado em dois ramos deseguaes, sendo o maior fechado, correspondendo ao tubo dos barometros já descriptos, e o menor, communicando com a atmosphera, o qual substitue a tina. Pela differença de nivel dos dois vacuos, conhece-se a pressão. Cada ramo tem uma escala, cujo zero é commum e dividida egualmente como nos barometros de tina. A somma das duas leituras dá a altura barometrica.

Dos barometros metallicos, é hoje mais empregado o barometro *aneroide*.

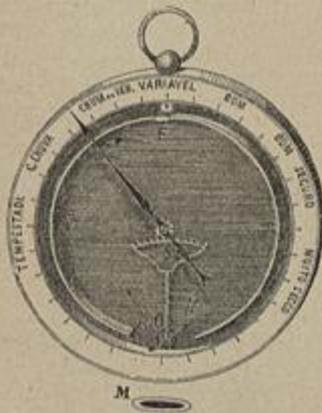



Fig. 4

Consta de uma caixa circular de faces cannelladas, com o fim de serem flexiveis, accusando qual quer differença de pressão, pela existencia do vacuo no interior da caixa. Esta caixa transmitte movimento a uma mola de aço ligada a um ponteiro que gira sobre um quadrante graduado. Duas alavancas facilitam o movimento. Um ponteiro fixo de latão, permitte saber-se a differença de pressão entre duas observações seguidas. Se a pressão diminue, o interior da caixa transmitte movimento ao ponteiro, movendo-o para a esquerda; se esta augmentar, o ponteiro gira para a direita.

A graduação do mostrador do barometro é a seguinte:

Altura em millimetros	Equivalencia
0,730	Tempestade
0,740	Grande chuva
0,750	Chuva e vento
0,760	Variavel
0,770	Bom tempo
0,780	Bom tempo fixo
0,700	Muito secco

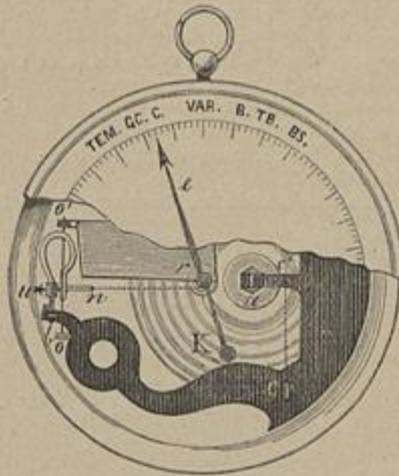



Fig. 4 bis

Ha, como se vê, uma relação entre a altura do barometro e o estado geral do tempo. No emtanto, o deduzir-se de sua altura, o tempo provavel é mais difficil do que se julga. Assim, de verão, o bom tempo vem sempre acompanhado com uma area de pressões mais fracas do que no inverno.

E' assim que no verão, no nosso clima, a altura barometrica excede varias vezes 765.mm, emquanto que no inverno póde attingir 780mm. A altura barometrica, de 770mm é, no verão, quasi sempre rarisissima, excepcional mesmo. Esta tem sido observada de setembro a abril.

(Continua) *Antonio A. O. Machado.*

FA SUSTENIDO

POR

Alphone Karr

«Estas mesmas flores serão semeadas sobre o meu tumulo, e um piriteiro e malmequeres brancos.

«Deixo 500 florins e um cavallo ao major Peters-Keller, cuja cutilada ha trez annos me deu tamanhas dôres, que, depois que me passaram, a vida durante quasi um dia, me pareceu coisa deliciosa.

«Não deixo estes legados para que me abençoem depois da morte; pouco me importa o que ha de acontecer quando eu estiver morto; é agora que sinto prazer em fantasiar a alegria que os meus herdeiros hão de ter.

Na missa de defuntos que por minha alma se ha de dizer, ha de cantar-se:

Ao Rheno! ao Rheno! ali são nossas vinhas!
Ao Rheno vamos já! ao Rheno vamos já!
A vinha...

»Deixo 10.000 florins ao primeiro que souber o final da cantiga.

«É este o meu testamento.

«Barão Conrado Krumpholtz.»

LVIII

A' noite, deitado na cama, Krumpholtz relia o que de dia tinha escripto.

— Quem sabe? Talvez na tal missa pela minh'alma alguem na egreja acabe a cantiga.

E adormeceu, cantarolando:

....

A vinha...

....

A vinha...

....

A vinha...

Acordou ouvindo uma voz, que no pateo cantava:

Ao Rheno! ao Rheno!

Cuidou estar dormindo, sacudiu a cabeça, beliscou-se; não havia duvida, aquella voz, que atravez das janellas fechadas mal conseguia penetrar até ao quarto, cantava a tal cantiga.

Sentado na cama, de mãos postas, d'olhos fitos, poz-se a escutar; mas calculem o que n'elle se passou, quando a voz continuou a cantiga—mais um compasso.

A voz calou-se.

Conrado ainda escutava, mas o mais profundo silencio reinava no pateo e por toda a parte. O Barão começou a puxar ao mesmo tempo pelas duas campainhas.

Entrou o Athanasio.

— Quem estava a cantar no pateo? perguntou o Barão.

— Uma mulher que eu mandei embora, conforme as ordens do sr. Barão com respeito a todos os musicos que ahi apparecessem.

— Corre atraz d'ella e traze-m'a.

O Athanasio demorou-se uns instantes, durante os quaes o Barão nem respirou.

Voltou dizendo que a mulher tinha desapparecido.

Verdade, verdade, o Athanasio nem a procurara, nem sequer sahiu de casa.

Krumpholtz não poude pregar olho. O caso extranho, aquelle compasso a mais, acordava-lhe lembranças cada vez mais vivas. Ardia-lhe o sangue na cabeça. Levou toda a noite a passear pelo quarto, a olhar para o céo cheia de estrellas, a repetir os compassos que tinha ouvido.

A vinha ali se estende em longas...

— Voltamos para Ober Wesel, disse o Athanasio á amante. Vens comnosco?

— Até ao cabo do mundo!

No dia seguinte encontraram o Conrado estendido no tapete do quarto. Os medicos declararam que seria perigoso transportal-o assim; mas o Conrado deu ordens terminantes para que lhe arranjassem cavallos e poz-se a caminho.

LIX

Durante a viagem, Conrado capacitou-se de que o tal compasso a mais era sonho, lembrança que se desenvolveu durante o somno. Mas, passados poucos dias, achava-se na mesma, parava no *si*, como d'antes parava no *fa*, sem ir mais longe.

Como passassem junto d'um cemiterio, o Conrado interrompeu a leitura da gazeta que levava na mão e apontando para os ciprestes que sombreavam os tumulos, disse:

— Eis as unicas arvores da liberdade!

— Meu sr., disse o Athanasio não misturemos coisas de cemiterio com as coisas da vida, porque é de máo agoiro.

— Pobre Athanasio! disse o Barão. O teu olhar completa o teu pensamento, que não querias revelar-me; mas, deixa lá, não é por isso que hei de morrer nem mais tarde, nem mais cedo.

— Não é o que eu queria dizer, continuou o Athanasio, que temia ter produzido uma má impressão no espirito do amo. E' que este cemiterio e as palavras de V. Ex.ª lembraram-me uma historia que contavam lá na Residencia, uns tempos antes de eu entrar ao seu serviço.

«Havia lá um senhor que namorava uma menina da cidade. Diziam que elle queria casar com ella, os paes e os tolos assim diziam e talvez a rapariga; mas para elle não era ella nem bastante rica nem de boa familia.

«O que é verdade é que elle não lhes deixava a porta e era motivo de falatorio na visinhança; porque, como já disse, só os paes e os tolos é que diziam que havia de aquillo acabar em casamento.

«Uma vez, o homem chegou mais preoccupado que o costume, falando pouco e nada falando de amor. A menina não gostou, perguntou-lhe porque vinha tão mudo e desagradavel, e, para o distrahir, lembrou-se de lhe roubar uma flôr, que elle tinha trazido e que, provavelmente por esquecimento, lhe não tinha offerecido; mas elle não quiz que ella lh'a tirasse e mostrou-se tão teimoso que a namorada desconfiou, cuidou que outra mulher lh'a tivesse dado e disse-lhe que se elle lhe não desse a rosa por que morria, que nunca mais a havia de ver.

«— Pois antes queria nunca mais vel-a, embora a ame um milhão de vezes mais que quanto ha no mundo, do que dar-lhe a rosa. E, se lhe dissesse o motivo que me impede de lh'a offerecer, veria que, longe de desconfiar de mim, me porto n'este momento como amante terno e fiel.

Se o Barão não tivesse adormecido logo no principio da historia, teria enterrompido o Athanasio para lhe perguntar quem tinha podido as-

sim ensinar-lhe os proprios termos dos dois amantes e porque esforço prodigioso podia assim retel-os na memoria.

Foi pena que o Barão, não tendo podido fazer a pergunta, o Athanasio não tivesse logar para responder.

—Depois de tanta coisa para socego e persuação, continuou o Athanasio, mais inquieto ficou a senhora e morrendo por saber a decifração do enigma e outra vez disse ao amante que se elle lhe não desse a rosa, nunca mais a veria, ainda que morresse de desgosto. O pobre namorado que, ainda que não tivesse muita vontade de casar com ella, nem por isso deixava de andar apaixonadissimo, assegurou-lhe que, se ella tivesse a maldade de querer uma tal separação, seria elle quem primeiro havia de morrer e que ella ficaria com o desgosto de ter aberto a cova ao amante mais sincero que podia achar.

«Nada a demoveu do proposito. Então o senhor, chamando-a de parte, disse-lhe:

«— Quando vinha para aqui, passando pelo cemiterio, vi um tumulo coberto de rosas brancas; sem sequer reparar no que fazia, apanhei uma e deixei-me ficar com ella na mão. Só quando para ella olhou é que eu reparei no desconchavo de trazer para aqui onde tenho toda a minha felicidade, uma flor apanhada no cemiterio, uma flor cujas raizes só se criam n'um corpo morto e que deve toda a propria côr á decomposição d'um cadaver. Toda a noite foi o que me preoccupou; parecia-me ver esta flor nos seus cabellos e logo me parecia vel-a perder a frescura de suas côres, encovar-se a orbita de seus olhos, e só via sobre seus hombros brancos uma cabeça de esqueleto coroada de rosas. Percebe agora porque não lhe quero dar esta rosa?

«Disse a menina que nenhum mal aconteceria, que desde que havia mundo, já tinha morrido tanta gente que decerto a terra era só composta de pó humano e que uma rosa, fosse apanhada onde fosse, não teria deitado raizes, por pequeno que fosse o espaço occupado, senão em sitio onde houvesse um corpo restituido aos elementos.

«Renovou-se a discussão e ella sahiu da sala dizendo que, se no dia seguinte de manhã não lhe levasse a rosa, com palavra de honra de que era a mesma, mudasse d'idéas e nunca mais lá fosse.

«Sahiu o homem muito triste, não tolerando tal idéa de renunciar assim a seus amores. No dia seguinte levou-lhe a rosa, jurando por quanto havia que era a mesma da vespera.

«A menina, toda contente, pôl-a nos cabellos e todo o dia andou com ella, embora já bastante murcha, e mais terna se mostrou ao seu amante.

«Soube-se do caso e todos diziam que elle tinha andado mal e que havia de acontecer desgraça. E ella a rir-se!

«Mas, pouco depois, as bonitas côres desappareceram; e a saude, d'antes magnifica, começou a alterar-se; começou a emagrecer, a descarnar-se; ninguem, já se vê falava da rosa do cemiterio, mas era no que todos pensavam.

Mas o que mais apavorou toda a gente foi ella, um dia, querer por força outra rosa do cemiterio e ameaçar de que, se lh'a não fossem buscar logo, logo, que iria ella, embora já fosse noite fechada. E não houve remedio senão obedecer a tão horrivel capricho.

«Continuava a emmagrecer; mas, como que para realisar a horrivel visão do namorado, só a cabeça é que emmagrecia e o corpo conservava-se como d'antes.

«Emfim, os paes tiveram que leval-a a umas aguas longe de Residencia, onde, dizem, ella morreu com um soffrimento horrivel e a cabeça tão descarnada, que era mesmo uma cabeça de esqueleto.

·O que prova, disse o Athanasio acabando a historia, que não se devem as coisas de vida misturar-as com as da morte. *(Continua).*

NECROLOGIA

ADOLPHO GRENO

Publicaram as folhas diarias minuciosas noticias da tragedia da travessa de S. Mamede, e a chronica do n.º 810 do OCCIDENTE a ella se referiu.

Hoje publicamos o retrato da victima Adolpho Cesar de Medeiros Greno, que foi pintor destincto e se dedicava tambem a restaurar quadros antigos, o que é arte apreciavel quando desempenhada com pericia e bom criterio, para o que são precisos conhecimentos especiaes.

O desditoso artista contava apenas 46 annos de idade, pois nascera em Lisboa na freguezia de S. João da Praça, por 1855, filho de Thomaz d'Aquino Greno.

Adolpho Greno de muito novo se dedicou ao estudo da arte de desenho e de pintura, para o que frequentou a Academia de Bellas Artes de Lisboa, onde chegou a ser discipulo querido do professor Lupi.

Tendo concluido o curso da Academia, foi estudar ainda em Paris com o pintor Cabanel, que deu boas lições aos pensionistas portuguezes d'uma certa época.

Entretanto Greno não era um talento brilhante e os quadros em que mais conseguiu distinguir-se foram os retratos.

Dedicando-se a dar lições de desenho e de pintura teve por uma das suas primeiras discipulas a Josefa Garcia Greno, de origem hespanhola, da qual se enamorou e veiu a desposar por 1876, tendo elle apenas 21 annos de idade. Foi um casamento de amor, em que se uniram duas almas d'artista, pois que Josefa Greno honrou o mestre, avantajando-se-lhe na pintura, em que se tornou uma artista distinctissima nos seus quadros de flores, especialidade que mais e melhor cultivou.

Adolpho Greno era de estatura mais que regular, de apparencia sympathica, com a sua cabelleira e barba á Christo. Caracter bondoso e de fino trato.

Morreu ás mãos de sua mulher, quando dormia tranquillo no thalamo conjugal.

NECROLOGIA

ADOLPHO GRENO

FALLECIDO EM 26 DE JUNHO DE 1901

Se a auctora do traiçoeiro attentado é uma louca ou uma criminosa da peior especie, é o que a justiça está averiguando.

Recebemos e agradecemos:

Valle de Flores — *Excursão em procura de uma ermida do seculo XVI — D. João de Castro, eborense — por H. Freire. — Typographia «Noticias d'Evora» — Evora, 1901.*

Valle de Flores é o titulo, deveras poetico, da presente descripção de um passeio realisado pelo auctor e tres seus amigos no concelho de Evora, afim de averiguarem a existencia de um *Oratorio* antigo, de que o sr. H Freire descobrira noticia em um codice precioso da opulenta *Bibliotheca da Manizola*, uma das principaes do paiz, propriedade do sr. visconde da Esperança, e na qual se guardam verdadeiras preciosidades bibliographicas.

Valle de Flores era uma designação toponimica que desappareceu, embora muito perto do logar que assim se chamava exista ainda hoje outro com titulo parecido — o *Monte das Flores.*

Começou, pois, o trabalho dos estudiosos excursionistas logo pela difficuldade da identificação da designação desapparecida com a herdade que procuravam, a qual é algumas vezes mencionada com aquelle poetico titulo em varios codices do archivo da Misericordia de Evora, tambem investigados pelo sr. Henrique Freire. *Valle de Flores ou Valle de Correa na freguezia de Ourega*, repete o manuscripto; *Ourega* corresponde a *Tourega* e *Valle de Corrêa* á *Corrêa*, actuaes; d'aqui se partiu para desfiar o enredado das designações e identifical-as com os logares respectivos. Do *Valle de Corrêa* se averiguou subsistir apenas o titulo de *A Corrêa*, e, dirigindo as suas buscas para este logar, depararam os excursionistas com um extenso valle e um monte, á esquerda do monte e a elle ligada, por uma edificação, uma ermida, o *Oratorio* de que falava o codice. E assim acharam o logar de *Valle de Flores* que procuravam, agora sob a prosaica denominação de *A Correa.*

Descreve o sr. Freire muito graciosamente esta digressão com todas as suas peripecias. N'ella se mostra o seu carinho de investigador, de sabedor do passado, e o culto que lhe merecem as tradicções. A iniciativa da excursão foi sua, pois que estando a apurar a biographia de um eborense illustre, D. João de Castro, soube que elle fôra possuidor do Valle de Flores e piedosamente fundara alli em 1591 a capella que lá se ergue ainda.

Passada a noticia da excursão apresenta o sr. Freire considerações muito interessantes ácerca do fundador do oratorio de S. João Baptista de Valle de Flores, cuja identidade procura determinar, explicando as porfiadas investigações feitas, e que mais accentuam a sua erudição.

Illustra o opusculo uma photogravura da ermida.